

O CONHECIMENTO PARA GRAMSCI E SOBRE GRAMSCI

Regina Maria Michelotto: Universidade Federal do Paraná

Michelle Fernandes Lima: Universidade Estadual do Centro Oeste/PPGE

Resumo:

Este artigo tem por objetivo apresentar aspectos relevantes sobre a concepção de conhecimento para Gramsci e a importância do estudo de sua obra no processo de elaboração de pesquisas e propostas que pretendem utilizar suas ideias como fundamentação teórica metodológica. Destacamos no texto a importância de não perder de vista a luta desse pensador pela transformação social, objetivo central de sua obra. A questão do conhecimento ocupa lugar de destaque e isso pode ser observado desde os primeiros escritos desse importante pensador.

Palavras-chave: Gramsci, Conhecimento, Método

Abstract:

This article has as objective the presentation of the relevant aspects about knowledge conception to Gramsci and how important is the study of his works in the elaboration process of researches and propositions, which intend to utilize his ideas as methodological theoretical foundation. We highlight in the text, the importance of not losing sight of this thinker's struggle for social transformation, central intent of his work. The knowledge issue occupies a special place and it can be observed since the first writings of this important thinker.

Keywords: Gramsci, Knowledge, Method.

“Conoscenza è, nel momento attuale, sinonimo di forza” (Gramsci, 1987, p. 365)¹.

Introdução

Este artigo tem por objetivo apontar aspectos essenciais sobre o conhecimento para Gramsci e sobre ele. Consideramos que essa categoria ocupou lugar de destaque na obra desse importante pensador. Partimos da compreensão de que suas concepções estão fundamentadas no seu objetivo maior de luta pela transformação da realidade. Isso torna

¹ “Conhecimento é, no momento atual, sinônimo de força”. Tradução livre.

questionável, na nossa perspectiva, a utilização de conceitos e concepções gramscianos que desconsiderem esse objetivo e a historicidade de sua obra.

Gramsci afirma que o estudo de qualquer fenômeno da realidade implica compreendê-lo a partir de e na realidade concreta de que é parte. O desvendar de um objeto inserido numa totalidade é tarefa que não se cumpre simplesmente mas implica um árduo trabalho de pesquisa. A proposta desse texto é refletir sobre tais questões.

1. O Conhecimento para Gramsci

Transcorria o ano de 1919. O grupo turinês do partido socialista, que já se denominava comunista, e do qual Antonio Gramsci era um dos mais respeitados intelectuais, publicou, em 1º de maio, o primeiro número da revista semanal *L'Ordine Nuovo*. No cabeçalho, a frase: “Instruí-vos, porque necessitaremos de toda a vossa inteligência. Agitai-vos, porque necessitaremos de todo o vosso entusiasmo. Organizai-vos, porque necessitaremos de toda a vossa força”. Essa publicação, “nascida como modesta revista semanal de cultura socialista, reclama sobre si a atenção nacional e internacional enquanto centro propulsor de novas iniciativas políticas e culturais” (GRAMSCI, 1987, apresentação. Tradução livre).

O texto reproduzido à página 365 (GRAMSCI, 1987), traz a frase escrita no *caput* do presente artigo, na qual é enaltecida a importância do conhecimento, especialmente naquele momento histórico que precedeu a ocupação das fábricas pelos operários, em Turim.

Em outro artigo da mesma revista, reproduzido em Gramsci (1987, p. 361), o grupo se refere à criação de uma escola de cultura e propaganda socialista, em novembro desse mesmo ano de 1919. Gramsci e seus companheiros se mostram entusiasmados com tal iniciativa. A citação é um tanto longa, mas torna-se importante registrar uma boa parte dela:

O primeiro curso da escola de cultura e propaganda socialista teve início na semana passada, com a primeira lição de teoria e a primeira exercitação de prática, e de uma forma que nos encheu de satisfação. No princípio, nos restringimos de nutrir as melhores esperanças de êxito. Por que negar que alguns de nós duvidávamos? Duvidávamos que, encontrando-se apenas uma ou duas vezes por semana, alguns cansados do próprio trabalho, fosse-nos impossível encontrar em todos aquele frescor sem o qual as mentes não podem comunicar, os ânimos não podem aderir, e a escola não pode cumprir como deveria os atos educativos vividos e sentidos em comum. [...] E vimos junto a nós, apinhados, apertados um ao outro nos bancos incômodos e no

espaço estreito, estes alunos insólitos, na maior parte não muito jovens, fora, talvez, da idade na qual aprender é coisa simples e natural, todos, pois, fatigados de uma jornada de oficina ou de ofício, seguir com atenção muito intensa o curso da lição, esforçar-se em registrá-lo no papel; faz sentir de modo concreto que entre quem fala e quem escuta se estabeleceu uma corrente vivaz de inteligência e simpatia. Isso não seria possível se nesses operários o desejo de aprender não surgisse de uma concepção do mundo que a vida mesma lhes ensinou e que sentem a necessidade de clarear, para possuí-la completamente, para poder atuar plenamente. É uma unidade que preexiste e que o ensinamento quer reforçar [...]. A nossa escola é viva porque vós, operários, trouxestes para ela a melhor parte de vós, aquela que a fadiga da oficina não pode destruir: a vontade de tornar-vos melhores. Toda a superioridade da vossa classe nesse agitado e tempestuoso momento, nós a vemos expressa nesse desejo de **conquistar conhecimento, de se tornar capazes, patrões do vosso pensamento e de vossa ação, artífices diretos da história da vossa classe.** (1987, p. 361/362. Sem grifo no original. Tradução livre.).

O trecho grifado, ponto alto do transcrito, ressalta o sentido que Gramsci dá à conquista de **conhecimento**: possibilitar que nos tornemos capazes, donos do próprio pensamento e ação, artífices da história.

Algum tempo depois, Gramsci informa, ainda no *L'Ordine Nuovo*, que o jornal *L'Avanguardia*, publicação da juventude socialista, trazia o programa da escola de cultura e propaganda, dando a ela uma publicidade nacional. Embora o periódico o tenha publicado de forma bem resumida, e que apenas contamos com uma foto da página do jornal, conseguida pelo professor Renê José Trentin Silveira, da UNICAMP, na Biblioteca de Florença, o artigo oferece uma pista sobre os conteúdos escolhidos pelos criadores da iniciativa de criação da escola.

Os nomes dos docentes indicados constam ao lado de cada tema. Os conteúdos versavam sobre os conceitos fundamentais da doutrina socialista e sua aplicação. (*L'Avanguardia*, s/n. 1919).

ORDENAMENTO TEÓRICO

1. Determinismo econômico e materialismo histórico. (Z. Zini).
2. O sindicalismo e a teoria do movimento operário. (A. Gramsci).
3. A anarquia e a teoria do Estado. (A. Tasca).
4. Economia e socialismo. (P. Togliatti).

CENAS HISTÓRICAS

1. Origem e desenvolvimento do capitalismo. (P. Togliatti).
2. A revolução francesa. (U. Terracini).
3. O manifesto comunista. (Z. Zini).
4. Forma e desenvolvimento do movimento operário. (G. Balsamo-Crivelli).
5. Da primeira à terceira internacional. (A. Tasca).
6. A revolução russa. (A. Gramsci),

O ESTADO DOS CONSELHOS

1. O Conselho de fábrica. (U. Terracini).
2. Sindicatos e sociedade. (A. Gramsci).
3. Os Conselhos econômicos. (P. Togliatti).
4. Os Conselhos dos soldados. (A. Tasca).
5. Os Conselhos dos camponeses. (A. Tasca).
6. A ditadura do proletariado. (A. Gramsci).

PROBLEMAS E POLÊMICAS

1. A nação e as Internacionais. (A. Tasca).
2. A religião. (A. Gramsci).
3. A cooperação. (U. Terracini).
4. Administração do Município. (G. Casalini, O. Pastore).
5. A escola. (P. Togliatti).
6. A família e o costume comunista. (A. Tasca).
7. O lugar da arte nos regimes. (G. Balsamo-Crivelli).
8. A justiça. (Z. Zini).

A orientação didática para essa ação era bem detalhada:

cada argumento será tratado de modo didático, cuidando de atrair a atenção dos alunos sobre alguns conceitos e sobre o nexos lógico do raciocínio. Para obter esse objetivo será organizado um rascunho esquemático de cada lição, não mais do que quatro páginas impressas; e se for possível, resumos das lições serão reunidos em apostilas e distribuídos aos alunos. (*L'Avanguardia*, s/n. 1919).

Livros e opúsculos seriam oferecidos aos alunos que desejassem aprofundar algum tema:

O tratamento de cada tema poderá e deverá dar lugar a exercitações da parte dos alunos. As exercitações serão disciplinadas, de modo especial, dedicando-se a essas possivelmente uma lição por semana; as lições práticas de domingo de manhã. Os alunos se prepararão, entrando em acordo com os docentes ao menos uma semana antes da discussão. Será bom, talvez, que, ao fim, algum foque sua atenção a um argumento ao qual se dedicará de modo especial. Todos deverão, porém, estudar e dar provas de haver estudado aqueles temas de importância geral que serão, frequentemente, indicados pelos professores. Assim, a leitura do Manifesto Comunista deverá ser feita por todos, e não apenas isso, mas a todos se pedirá que saibam expor claramente os conceitos fundamentais e ótimo e aconselhável exercício farão aqueles que o resumirem brevemente por escrito. O mesmo diga-se do opúsculo de Trotzki Da revolução de outubro à paz de Brest-Litowski, no qual está expresso com eficácia o processo histórico da revolução russa, a via seguida pelas forças proletárias para atingir a conquista efetiva do poder político. (*L' "Avanguardia, s/n. 1919).*

Não havia orientação rígida sobre a ordem do programa, embora fosse importante trabalhar todos os temas. E finaliza:

Por último, é intenção dos dirigentes da escola fornecer não só aos alunos mas também a outros companheiros da cidade e da província um guia prático para a formação e integração de sua cultura, compilando elencos dos livros e dos opúsculos, agrupados segundo os argumentos e de maior ou menor dificuldade. (*L' "Avanguardia, s/n. 1919).*

Havia, por fim, a indicação da formação ou enriquecimento de bibliotecas para consulta. Essa iniciativa de Gramsci e seus companheiros de criar uma escola de cultura socialista em Turim não foi a única, em sua biografia. Os que se encontraram presos na ilha de Ústica também empreenderam atividade semelhante, o que comprova a grande preocupação desse autor com a difusão do conhecimento, mormente aquele necessário para a transformação social pretendida. Esse objetivo, claramente definido e buscado, levou Gramsci a se dedicar a um estudo detalhado dos intelectuais. Constatando que a elite hegemônica contava com os seus para assegurar e ampliar seu poder, esse autor advoga que também os trabalhadores formem os seus intelectuais, organicamente articulados com os problemas concretos de sua classe.

O profundo estudo sobre os intelectuais levou Gramsci à análise da escola, que ele desenvolve de forma primorosa nos cadernos 12 e 4, e às iniciativas de criação de grupos de estudo crítico.

Para se compreender melhor as propostas do autor quanto aos conteúdos que devem fazer parte do desenvolvimento cultural do proletariado, ampliando seu conhecimento, é necessário verificar sua concepção de “cultura”. Uma interessante abordagem sobre esse tema se encontra em um artigo escrito em 1916 e publicado em *Il grido del popolo*: “Socialismo e cultura”.

Gramsci intervém em uma polêmica ocorrida em 1912, e que provocava ainda muita discussão e já fora abordada criticamente no *L’Avanguardia*: o jovem socialista Amadeo Bordiga criticava Angelo Tasca, chamando-o de “culturalista”, e insistia na urgência de se “assumir uma clara posição de classe” (GRAMSCI in Coutinho, 2004, p. 462). Gramsci cita opiniões de Novalis e Vico, que tratavam a cultura a partir do dito de Sólon “Conhece-te a ti mesmo”, e afirma: “Não aproximamos os dois fragmentos por acaso. Eles nos parecem conter [...] os limites e os princípios que devem servir de base para uma justa compreensão do conceito de cultura também em relação ao socialismo” (GRAMSCI in Coutinho, 2004, p. 57).

A questão se resumia em: O aprimoramento da cultura seria útil ou prejudicial ao proletariado, naquele momento histórico. Bordiga questionava Tasca e insistia na urgência da ação, considerando perda de tempo, portanto, prejudicial, a insistência no desenvolvimento de uma cultura socialista junto aos trabalhadores, o que requeriria um processo mais lento. Gramsci aborda a questão pelo seguinte caminho: de que cultura se está falando?

É preciso perder o hábito e deixar de conceber a cultura como saber enciclopédico, no qual o homem é visto apenas sob a forma de um recipiente a encher e entupir de dados empíricos, de fatos brutos e desconexos, que ele depois deverá classificar em seu cérebro como nas colunas de um dicionário, para poder, em seguida, em cada ocasião concreta, responder aos vários estímulos do mundo exterior. Essa forma de cultura é realmente prejudicial, sobretudo para o proletariado (GRAMSCI in Coutinho, 2004, p. 57).

Vem, então, a esperada complementação:

A cultura é algo bem diverso. É organização, disciplina do próprio eu interior, apropriação da própria personalidade, conquista de consciência superior: e é graças a isso que alguém consegue compreender seu próprio

valor histórico, sua própria função na vida, seus próprios direitos e seus próprios deveres (GRAMSCI in Coutinho, 2004, p. 58).

E o autor reforça que isso não ocorre de forma espontânea, porque o homem “é sobretudo espírito, ou seja, criação histórica, e não natureza” (id. p. 58). Com tais argumentos Gramsci dá razão a Tasca, na referida polêmica, o que explica sua insistência em criar escolas e grupos de reflexão. E esclarece sua opinião de como ocorre o desenvolvimento desse tipo de cultura:

E essa consciência se forma não sob pressão brutal das necessidades fisiológicas, mas através da **reflexão inteligente** (primeiro de alguns e depois de uma classe) sobre as razões de certos fatos e sobre os meios para convertê-los, de ocasião de vassalagem, em bandeira de rebelião e de reconstrução social. O que significa que toda revolução foi precedida por um intenso trabalho de crítica, de penetração cultural, de impregnação de ideias em agregados de homens que eram inicialmente refratários e que só pensavam em resolver por si mesmos, dia a dia, hora a hora, seus próprios problemas econômicos e políticos, sem vínculos de solidariedade com os que se encontravam na mesma situação (GRAMSCI in Coutinho, 2004, p. 58/59. Sem grifos no original).

Fica definida, assim, a grande meta da vida desse político sardo: a construção de uma nova sociedade, socialista, internacional, a partir da compreensão da situação italiana em toda a sua totalidade concreta.

O entendimento de que o “concreto é uma síntese de múltiplas determinações” (MARX, 1983, p. 218/219) indica que a categoria “conhecimento” não pode ser vista isolada, com um fim em si mesma. Diferentemente da visão positivista, que afirma ser necessário “partir do concreto para chegar ao abstrato”, conferindo uma condição de linearidade entre esses dois conceitos, para Marx o concreto é o ponto de partida, mas também o de chegada; e o percurso é constituído pelas abstrações, nas suas idas e vindas cada vez mais radicais em direção ao objeto a ser concretizado. Essa condição de totalidade é que vai esclarecer as diferentes concepções do objeto estudado. Deduz-se daí que há que contextualizar o conhecimento e que o método para isso resulta do conteúdo, e não tem um fim em si mesmo.

A base proposta por Gramsci para a organização dos conteúdos a serem desenvolvidos com os trabalhadores está na compreensão analítica do que ele denomina “folclore”: é o

conhecimento das pessoas simples, é o senso comum do povo. Gramsci critica o fato de que, costumeiramente, ele é estudado como elemento “pitoresco”. Afirmar que o “folclore” deve ser analisado como “concepção do mundo, de determinados estratos da sociedade, que não são tocados pelas correntes modernas de pensamento” (GRAMSCI, *primeiro caderno*, in *Gerratana*, 1975, P. 89. Tradução livre). Entende que tal concepção não é elaborada e sistematizada, “porque o povo, por si só, não pode fazer isso”. Aí se destaca o papel dos intelectuais. Afirmar ainda que se trata de uma concepção múltipla, “no sentido de uma justaposição mecânica de várias concepções do mundo”. Considera que “certas afirmações científicas e certas opiniões, destacadas do seu complexo, caem no domínio popular e são ‘arranjadas’ no mosaico da tradição” (Id. *Ibid.*). Então, reforça a necessidade do estudo sério e profundo do senso comum. “Só assim, o ensinamento será mais eficaz e mais formativo da cultura das grandes massas populares e desaparecerá a diferença entre cultura moderna e cultura popular, ou folclore”. (Id. *Ibid.*).

Após analisar o conhecimento popular, Gramsci se debruça sobre o estudo da Ciência, destacando a importância do “homem” nesse assunto. E questiona:

Mas tudo aquilo que a ciência afirma é ‘objetivamente verdadeiro’? De modo definitivo? Não se trata, ao contrário, de uma luta pelo conhecimento da objetividade do real, por uma retificação sempre mais perfeita dos métodos de pesquisa e dos meios de observação, e dos instrumentos lógicos de seleção e de discriminação? Se é assim, o que mais importa não é, portanto, a objetividade do real como tal, mas **o homem** que elabora esses métodos, esses instrumentos materiais que retificam os órgãos sensores, esses instrumentos lógicos de discriminação, isto é, **a cultura**, isto é, a concepção do mundo, isto é, a relação entre o homem e a realidade. Procurar a realidade fora do homem parece, portanto, um paradoxo, assim como, para a religião, é um paradoxo [pecado] procurá-la fora de Deus” (GRAMSCI, *caderno 4*, in *Gerratana*, 1975, p. 467. Tradução livre).

Traçando a rota para o conhecimento, Gramsci atinge, como não poderia deixar de ser, a escola, que vai ser por ele profundamente analisada e para a qual propõe algumas alternativas.

No caderno 4 ele disserta sobre escola ativa e criativa, entendendo esta como uma fase, o coroamento daquela. Afirmar que “toda escola unitária (proposta por ele) é escola ativa”; mas escola criativa

[...] não significa escola de “inventores e descobridores” de fatos e argumentos originais em sentido absoluto, mas escola na qual a “descoberta” vem por um esforço espontâneo e autônomo do aluno e na qual o professor exercita especialmente uma função de controle e de guia amigável, como ocorre, ou deveria ocorrer hoje nas Universidades. Descobrir por si mesmos, sem sugestões e impulsos externos, uma verdade, é “criação”, mesmo que a verdade seja velha: de qualquer modo se entra na fase intelectual na qual se pode descobrir verdades novas, pois por esforço próprio **adquiriu-se o conhecimento**, se descobriu uma “verdade” velha (GRAMSCI, p. 487, sem grifo no original).

2. Conhecimento sobre Gramsci

O estudo dos escritos de Antônio Gramsci destaca a importância que ele dá ao conhecimento, assim como permite a nós a compreensão do caminho usado por ele para analisá-lo de forma rigorosa, radical e abrangente. O método usado por esse autor em suas obras é preciosa fonte de subsídios, como atesta Saviani em prefácio à 3ª edição de Nosella (2004, p.20): “As categorias construídas por Gramsci e, em especial, a lição de método que nos proporcionou nos iluminam no enfrentamento dos [...] percalços políticos, sociais, econômicos, culturais e educativos pelos quais estamos passando no momento presente”.

A preocupação com o método de análise e de ação é constante na obra gramsciana, como na crítica que faz às Universidades Populares do seu tempo, na Itália, nas quais se buscava levar aos trabalhadores conhecimentos básicos que o dia-a-dia geralmente lhes negava:

Os dirigentes da Universidade Popular sabem que a instituição que guiam deve servir para uma determinada categoria de pessoas, a qual não pode seguir estudos regulares nas escolas. E basta. Não se preocupam com o **modo mais eficaz** como esta categoria de pessoas pode aproximar-se do mundo do conhecimento. (GRAMSCI, 1976, p. 104, sem grifo no original).

A forma de análise utilizada por Gramsci articula perfeitamente o conteúdo da pesquisa com o método.

Compreender as determinações e não vê-las como determinações históricas de uma práxis histórica [...] significa ficar preso dentro dos limites do dado, do existente, das mesmas mistificações da sociedade capitalista. [Ao invés, é necessário] buscar os fundamentos de uma etapa histórica, submergir-se na empiria dos fenômenos exteriores e abstrair, a partir deles, as determinações

fundamentais do todo. Nesse processo, o método não existe fora do conteúdo. É a maneira como o conteúdo vai se revelando e assumindo uma forma racional através de um trabalho de investigação. (ROCHABRÚN, 1974: 5 e 20).

Assim, a escolha do método de uma pesquisa está diretamente ligada ao seu conteúdo e aos seus objetivos. Gramsci tem como intuito, nas suas investigações, contribuir para a transformação social; portanto, ao tratar do método, considera que:

[...] toda investigação tem seu método determinado e constrói uma ciência determinada; [logo,] o método desenvolveu-se e foi elaborado conjuntamente ao desenvolvimento e à elaboração daquela determinada investigação e ciência, formando com ela um todo único. Acreditar que se pode fazer progredir uma investigação científica aplicando-lhe um método tipo, escolhido porque deu bons resultados em outra investigação ao qual estava relacionado, é um equívoco estranho que nada tem em comum com a ciência (GRAMSCI, 2006, p.122 e 123).

A maior vantagem da metodologia do materialismo dialético, segundo Löwy, está no argumento gramsciano de que, diferentemente das outras filosofias que, visando consolidar interesses antagônicos, têm historicidade curta, “porque após algum tempo as contradições aparecem à superfície e se tornam irreconciliáveis, a filosofia da práxis, pelo contrário, é precisamente a teoria das contradições, que ela assume integralmente” (1994, p. 136). Assim, ao expor tais contradições no estudo de um objeto, é preciso identificá-las como “internas, inerentes, inescapáveis, [o que] é o fundamento científico de uma postura crítica radical” (ROCHABRÚN, 1974, p. 14).

Gramsci é um teórico muito utilizado em pesquisas denominadas críticas, sobre a educação, e a sua obra é, também, muito citada como caminho metodológico no Brasil. Na análise de acontecimentos, bem como na organização e desenvolvimento de pesquisas, acadêmicas ou não, o nome de Antônio Gramsci costuma muitas vezes ser citado, geralmente a partir de comentadores. Nesse sentido é fundamental destacar o rigor e profundidade das análises de Gramsci, que abrangem não apenas a realidade da Itália de seu tempo, mas o mundo capitalista em geral. Face ao envolvimento nas lutas políticas das primeiras décadas do século XX, seu nome constitui uma importante referência. Porém, suas reflexões, assim como as categorias que utilizou, além de suas recomendações políticas, nem sempre são

devidamente abordadas. Muitas vezes, como se percebe, há ausência de rigor científico, que deveria ser o princípio básico nessas situações, tratando-se desse autor.

O acesso às obras de Antonio Gramsci no Brasil está diretamente relacionado à forma como ocorreu sua tradução. Nosella (1989, p.03) considera que, num país “[...] onde qualquer literatura marxista começou a penetrar timidamente o espaço oficial acadêmico somente nos anos 50, os escritos de Gramsci também chegariam tarde e, naturalmente, agravados dos problemas técnicos inerentes à própria tradução”.

Foi somente em 1965, que a Editora Civilização Brasileira lançou o primeiro volume dos Cadernos do Cárcere, tradução realizada por Carlos Nelson Coutinho. Nosella (1989, p.04) observa que, então, “[...] a moda gramsciana pegou, alimentada também, creio eu, por alguns equívocos conceituais sobre a concepção revolucionária de Gramsci”. Informa que foi na PUC São Paulo, em 1978, sob orientação do Professor Demerval Saviani, que a primeira turma de doutorandos do Programa em Educação, realizou um estudo monográfico sobre a obra de Antonio Gramsci, iniciativa que contribuiu para difusão das ideias desse autor, especialmente entre os educadores.

Nessa época ocorreu uma grande difusão do seu pensamento nas universidades, em diversas áreas que estavam ligadas ao pensamento social em geral, por pesquisadores interessados em política e ideologia. Leituras foram realizadas sobre Gramsci no Brasil, influenciando na forma como esse pensador foi e é estudado nos cursos de pós-graduação, como no caso da educação.

Já a partir de 1975, mas, sobretudo, nos anos 1980, foram realizadas importantes pesquisas universitárias sob a influência de categorias ou problemáticas gramscianas, em domínios que vão da antropologia à sociologia e à ciência política, envolvendo temas tão variados como cultura popular, religião, pedagogia, direito, política social e serviço social (COUTINHO, 2007, p. 165).

Semeraro (2001, p.95) considera que as análises e reflexões gramscianas “[...] revelam uma precisa concepção de mundo, um método de trabalho e o horizonte de uma epistemologia”. O pensamento, para Gramsci, é parte “integrante da realidade e existe uma ligação inseparável entre o agir e conhecer” (SEMERARO, 2001, p.96) o que reforça a importância da compreensão do conhecimento em Gramsci e sobre Gramsci. Anunciar suas ideias como referencial teórico metodológico exige do pesquisador o entendimento de que o

método desenvolvido por ele está relacionado com seu alvo principal, a transformação da realidade. Não se trata de utilizar suas ideias e conceitos somente como método; isso resultaria num esvaziamento do conteúdo revolucionário presente na sua obra.

Semeraro (2001) pontua que é possível conhecer, na leitura dos escritos gramscianos, como o autor “tece o fio de uma nova teoria de conhecimento” que apresenta uma riqueza de informações e análise da realidade, na sua complexidade. O ponto de partida para Gramsci, na visão de Semeraro (2001, p. 100), é “[...] sempre a realidade concreta, são as relações de força historicamente produzidas e objetivadas entre os grupos sociais”.

No caderno 13, por exemplo, Gramsci ao tratar do pensamento político de Maquiavel, apresenta inúmeras contribuições metodológicas que reforçam o que foi dito. Gramsci não estudou Maquiavel apenas por considerá-lo um grande representante do pensamento político, mas com objetivo de subsidiar a luta que buscava desencadear por intermédio do partido comunista italiano. Ou seja, essa escolha não foi aleatória, tinha uma razão concreta. Nesse caderno, aponta uma dificuldade, nas análises histórico-políticas, que consiste

[...] em saber encontrar a justa relação entre o que é orgânico e o que é ocasional: chega-se assim ou a expor como imediatamente atuantes causas que, ao contrário, atuam mediadamente, ou afirmar que as causas imediatas são as únicas causas eficientes. Num caso, tem-se excesso de ‘economicismo’ ou de doutrinário pedante; no outro, excesso de ‘ideologismo’ (GRAMSCI, 2011, p.36).

Na análise realizada por Gramsci observa-se que ele não está preocupado em realizar uma síntese da obra de Maquiavel, mas sim em discutir categorias relacionadas à questão do partido político como desencadeador da revolução social pretendida.

O termo "categoria" é utilizado na dialética, conforme a concepção marxiana:

o Sr Proudhon soube muito bem ver que os homens fazem o tecido, o pano, a seda - e é dele o grande mérito de ter visto estas coisas tão simples! O que o Sr Proudhon não soube ver é que os homens produzem também, conforme as suas faculdades produtivas, as relações sociais nas quais produzem a seda e o tecido. E, ainda, não soube ver que os homens, que produzem as relações sociais segundo sua produção material, criam também as ideias, as categorias, isto é, as expressões abstratas ideais destas mesmas relações sociais (MARX, 1989, p. 212).

Partindo desse entendimento, Gramsci identificou categorias para o estudo, por exemplo, de Maquiavel e Croce, considerando as relações sociais que criam as ideias, expressões e posicionamentos sobre a realidade. A partir das especificidades da produção intelectual de seu tempo e das condições materiais, analisou a realidade numa visão historicista e dialética. Mas o que seria essa proposição historicista?

O historicismo de Gramsci pode ser observado em todos os seus escritos. O método fica evidenciado quando ele considera que os números são “simples valor instrumental” e as opiniões e as ideias não possuem peso igual. Ao contrário:

[...] As ideias e as opiniões não “nascem” espontaneamente no cérebro de cada indivíduo: tiveram um centro de formação, de irradiação, de difusão, de persuasão, houve um grupo de homens ou até mesmo uma individualidade que as elaborou e apresentou na forma política de atualidade (2011, p.82).

Portanto, cabe aos pesquisadores que se dedicam ao estudo da obra de Gramsci reconhecer a necessidade de um esforço radical e constante para compreender suas ideias à luz do seu envolvimento político nas lutas das classes trabalhadoras. Há que se considerar, ainda, que esse autor não teve tempo para concluir e organizar seus escritos. Na visão de Semeraro (2001, p.95):

Nenhum livro sistematizado ou tratado acadêmico, no entanto, resultou desta ampla atividade intelectual que se adentrou na política, na história, na filosofia, na educação, na literatura, na economia, na sociologia, na arte, na religião etc. Seus escritos, na verdade, se de um lado compreendem as temáticas mais meditadas e elaboradas, por outro se apresentam na forma de anotações e incursões de ‘primeira aproximação’ (GRAMSCI, 1975, p. 935), portanto, incompletos, deixados para retomadas sucessivas, abertos ao debate com possíveis interlocutores que poderiam sempre ‘completar e modificar’ tais posições.

Deduz-se, portanto, um alerta: Em levantamento preliminar no Banco de Teses Capes no período de 2013 a 2016, com o descritor Gramsci e com filtro educação (programas de pós-graduação) foram identificados 135 trabalhos que citam esse pensador no resumo. Assim, as ideias de Gramsci estão sendo muito utilizadas nas pesquisas nessa área. Esse autor também é citado como fundamentação para propostas curriculares e projetos, especialmente para o ensino médio, educação de jovens e adultos e educação profissional, em diversos

estados brasileiros, entre os quais se incluem o Paraná e Santa Catarina. Tal constatação indica a necessidade de extremo cuidado ao se utilizar as ideias de Gramsci.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo dessa reflexão foi apresentar aspectos relevantes sobre a concepção de conhecimento para Gramsci e a importância do estudo de sua obra no processo de elaboração de pesquisas, além de nas propostas que pretendem utilizar suas ideias como fundamentação teórico-metodológica.

O conhecimento para Gramsci está diretamente ligado à possibilidade dos homens se tornarem capazes, donos do próprio pensamento e ação, e artífices da história. Um profundo estudo sobre os intelectuais levou Gramsci à análise da escola, que ele desenvolve de forma primorosa nos cadernos 12 e 4, e às iniciativas de criação de grupos de estudo crítico, como a criação da Escola de Cultura e Propaganda de Turim.

Destaca-se a grande meta da vida desse político sardo: a construção de uma nova sociedade, socialista, internacional, a partir da compreensão da situação italiana em toda a sua totalidade concreta. Para isso, concorda-se com Semeraro (2001) que pontua ser possível perceber, na leitura dos escritos gramscianos, como o autor “tece o fio de uma nova teoria de conhecimento”, que apresenta uma riqueza de informações e análise da complexidade de que é composta a realidade.

Portanto, cabe aos pesquisadores que se dedicam ao estudo da obra de Gramsci reconhecer a necessidade de um esforço radical e constante na compreensão de suas ideias, à luz do seu envolvimento político nas lutas da classe trabalhadora.

Conclui-se, assim, que ao escolher utilizar o pensamento de Gramsci em seus estudos, é recomendável que o pesquisador se dedique à análise do método e do conteúdo usados por esse autor, destacando-se a categoria “conhecimento”.

REFERÊNCIAS

LÖWY, M. *As Aventuras de Karl Marx contra o Barão de Münchhausen* - S. Paulo, Cortez Ed., 5ª. Ed. 1994. 219 p.

GRAMSCI, A, *L'Ordine Nuovo, 1919-1920*. A cura de Valentino Gerratana e Antonio A. Santucci. Ed. Einaudi, Torino, 1987.

ITÁLIA - L' "Avanguardia" – Periódico da Federação Juvenil Socialista – S/n. 1919.

GRAMSCI, **Escritos Políticos** – Edição COUTINHO, C. N. - Ed. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2004.

GRAMSCI, Antonio. **Cadernos do Cárcere**. Maquiavel Notas sobre o Estado e a Política. Tradução, organização e introdução Carlos Nelson Coutinho. V. 3, Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011.

GRAMSCI, A. – *Quaderni del carcere*. A cura de Gerratana, V. Editora Einaudi Tascabili, Torino, 1975.

MARX, Karl. Carta a P. V. Annenkov. In A Miséria da Filosofia - Global Editora, 2ª edição 1989, São Paulo.

NOSELLA, Paolo. **Antonio Gramsci Caderno 12**: apresentação, comentários e revisão da tradução. XII Reunião Anual da Apênd. Faculdade de Educação-USP. São Paulo, 1989.

ROCHABRÚN, G. **La Metodologia en el Positivismo y en el Marxismo**. Série Ensaio, n. 1 – Dezembro, 1974.

SAVIANI, D. Apresentação à terceira edição, In: NOSELLA, P, **A Escola de Gramsci**, 3ª ed., S. Paulo, Cortez Ed., 2004, 208 p.

SEMERARO, Giovanni. **Anotações para uma teoria do conhecimento em Gramsci**. Rio de Janeiro: Associação Nacional de Pós-Graduação em Educação. Revista Brasileira de Educação. Jan/Fev/Mar/Abr, 2001, n.16.